



Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

## **A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Jovino de Sousa Rodrigues

Prof.<sup>a</sup> Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas – UnB/FE/MTC

Prof.<sup>a</sup> Dra. Liliane Campos Machado – UnB/FE/MTC

Prof. Me. Marcos Alberto Dantas

Brasília

Junho de 2014



Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

## **A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Jovino de Sousa Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Pós-Graduação em Gestão Escolar à Comissão Examinadora da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas e Prof.<sup>a</sup> Dra. Liliane Campos Machado.

Prof.<sup>a</sup> Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas – UnB/FE/MTC

Prof.<sup>a</sup> Dra. Liliane Campos Machado – UnB/FE/MTC

Prof. Me. Marcos Alberto Dantas

Brasília

Junho de 2014

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Jovino de Sousa Rodrigues

### **A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar pela seguinte banca examinadora:

---

Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas  
(Professora-orientadora)

---

Dra. Liliane Campos Machado  
(Tutora-orientadora)

---

Professor Ms Marcos Alberto Dantas  
(Examinador externo)

Brasília  
Junho de 2014

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, pelo dom da vida, presente que ganhei sem merecer. E junto com esse presente, tantas oportunidades.

À minha família, que foi quem me ajudou a dar os primeiros passos na educação e quem me incentivou para continuar até aqui. E ainda me cobram para que eu galgue degraus mais altos.

À minha esposa. Ao olhar pra trás, lembro que quando todo esse processo de pós-graduação começou, ainda éramos noivos. Lembro-me perfeitamente de precisar acessar a internet para fazer trabalhos durante nossa lua-de-mel. Obrigado por me ajudar esse tempo todo.

Aos professores, orientadores e tutores deste curso de pós graduação. Foi muito importante receber a oportunidade e o apoio durante todo esse tempo.

A vocês, que estiveram comigo durante todo esse tempo, muito obrigado.

## RESUMO

Este é um trabalho final de curso de pós-graduação *lato sensu* em Gestão Escolar, pela EAPE, em parceria com a UnB e o CFORM. O presente trabalho trata da importância da educação infantil para o sucesso no processo de alfabetização. Discute, inicialmente, questões relacionadas acerca das avaliações institucionais da alfabetização e questiona se há diferenciação das notas obtidas pelas crianças que cursaram ou não a educação infantil. Como processo de investigação foi realizada uma revisão bibliográfica sobre publicações envolvendo educação infantil e desempenho na alfabetização. Estudou-se um pouco mais a fundo um relatório sobre a importância da educação infantil no qual todas as questões do trabalho foram tratadas e descobriu-se que há diferença significativa de resultados entre crianças que cursaram educação infantil de qualidade e as que não cursaram. Por fim, como resultado da aplicação de questionários, notou-se as percepções acerca da importância da educação infantil no meio escolar se encontram no campo do senso comum e pouco se conhece da influência do currículo da educação infantil no desempenho na alfabetização.

Palavras chave: Alfabetização; educação infantil; currículo da educação infantil; desempenho na alfabetização.

## **ABSTRACT**

This paper is work of completing *latu sensu* graduate studies course about school management, by EAPE, in partnership with UnB and CFORM. This work is about the importance of the Upbringing/early childhood education to the success in literacy. It does discuss, initially, things about the institutional evaluation of literacy and suggest a question if there's difference of the score of the children who attended early childhood education and those who didn't. As a part of the investigation process, a literature review was made to know if there're a significant number of publication about early childhood education and performance in literacy. It has been studied a little bit more a report of the importance of the early childhood education, in which all the questions of this work was spoken and it was been discovered that there's a significant difference in the scores of children who studied a good quality early childhood education and those who didn't. Lastly, as a result of questionnaires, was noted that the perceptions of the people who are involved with the education (family, teachers and managers) are in the field of common sense and they know few about the influence of the curriculum of the early childhood education in the performance of the children in literacy.

Key words: Literacy; early childhood education; early childhood curriculum; performance in literacy.

## SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	PÁG. 07
<hr/>	
2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
2.1 – BREVE HISTÓRICO SOBRE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL	PÁG. 10
<hr/>	
2.2 – INVESTIGAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUZIDOS COM TEMÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	PÁG. 17
<hr/>	
3 – METODOLOGIA DE PESQUISA	PÁG. 27
<hr/>	
4 – RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	PÁG. 31
<hr/>	
5 – CONCLUSÃO	PÁG. 39
<hr/>	
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	PÁG. 41
<hr/>	
7 – APÊNDICE 01 - Questionário	PÁG. 44
<hr/>	
8 – APÊNDICE 02 – Lista de Siglas	PÁG. 45
<hr/>	

## 1 - INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos visto uma enxurrada de informações sendo veiculadas nos meios de comunicação sobre o desempenho dos alunos brasileiros nas avaliações institucionais e também sobre as metas relacionadas para a educação básica brasileira. Os alunos têm feito exames, como as provas que constituem o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) tais como a Prova Brasil e a Provinha Brasil, e a pouco tempo, com a iminência do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) a ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização).

Em meio a escândalos envolvendo provas nacionais como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), a eficácia dessas avaliações tem sido questionada. No ensino superior, por exemplo, os alunos de universidades públicas em todo o país teimam em "boicotar" o ENADE (Exame Nacional de Avaliação do Desempenho dos Estudantes), que faz parte do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior), sob a justificativa de que essa avaliação contém uma série de erros (a começar pela obrigação de fazê-la ao final da graduação).

Dessa maneira, e porque a avaliação das estudantes mais velhos tem sido prioridade (principalmente a pouco tempo, quando o ENEM passou a ser usado como forma de ingresso em universidades públicas, em certas ocasiões substituindo o vestibular), é agora que começam a surgir os interesses sobre os primeiros anos de escolarização.

No ano de 2013, foi ministrado em todo o país um curso de aperfeiçoamento de professores alfabetizadores, inclusive com investimento financeiro, tanto para confecção de material como até mesmo para que conceder bolsas auxílio aos professores alfabetizadores que estão participando do curso, e eu fui um desses.

É com essa conjuntura positiva para a educação nos primeiros anos de escolarização, onde finalmente parece que têm se entendido que é preciso investir na base da educação, que sem dúvida são os primeiros passos da escolarização, que esse trabalho foi desenvolvido.

Uma vez que trata-se de um momento tão propício para a educação brasileira entender a importância das bases educacionais (escolarização nos primeiros anos), esse trabalho propõe uma interação com a comunidade escolar e seus vários atores para entender suas percepções sobre a importância da educação

infantil e dos primeiros anos de escolarização para o desenvolvimento da educação básica e inclusive melhoria nas notas dos alunos/instituições escolares.

Meu interesse nessa pesquisa é significativo, pois sou professor alfabetizador, apesar da pouca experiência. Por outro lado, entender a importância da educação infantil no momento em que discute-se a temática de ciclos e a expansão da educação infantil é muito grande, para toda a sociedade.

A escola onde trabalho e onde a pesquisa foi realizada é a Escola Classe Varjão, localizada no Varjão, na Região Administrativa em questão, e faz parte da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. É a maior escola da Coordenação Regional de Ensino do Plano Piloto e Cruzeiro, em termos de alunos, turmas e conseqüentemente de professores. A escola atende alunos do 1º período da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental.

A comunidade da escola é heterogênea, de acordo com o relato da equipe da escola. Há na escola famílias com rendas muito diversificadas, apesar de ser considerada por muitos uma Região Administrativa de baixa renda. Algo que se comenta muito entre os professores do colégio é que as famílias são majoritariamente evangélicas, apesar disso não é difícil encontrar na escola pessoas de outras religiões.

O trabalho se propôs a responder algumas questões. A questão central é saber se o fato de a criança cursar ou não a educação infantil tem alguma influência no seu desempenho na alfabetização, mas o trabalho buscou responder ainda algumas questões secundárias sobre como a gestão das escolas classe enxergam a importância da educação infantil para o desenvolvimento do aluno, saber se há diferença significativa no desenvolvimento escolar entre o aluno que cursou e o que não cursou a educação infantil e descobrir se os professores de escola classe acreditam ser significativa essa aprendizagem. O trabalho buscou ainda saber se há alguma diferença significativa entre as crianças que cursaram a educação e as que não cursaram no desempenho da Provinha Brasil e na ANA.

Dessa maneira, o objetivo principal do trabalho traduz-se em investigar se existe diferença significativa no processo de alfabetização entre as crianças que cursaram a educação infantil e as que não cursaram na visão dos atores educacionais diretos e indiretos (família, responsáveis, professores, gestão e coordenação).

Por outro lado, os objetivos específicos do trabalho são: interagir com professores, pais e gestores e entender como eles enxergam a importância de

os alunos cursarem a educação infantil; pesquisar se os resultados dos alunos nas avaliações institucionais tem relação ou não com o fato de terem cursado educação infantil, bem como pesquisar se há diferença significativa entre os resultados desses dois grupos; e, ainda, identificar se a alfabetização dos alunos que cursaram educação infantil sofre alguma diferença para os que a não cursaram.

## 2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 - BREVE HISTÓRICO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Tendo em vista a importância desse trabalho, passo a me subsidiar dos aspectos históricos acerca da alfabetização no Brasil. Para isso, passamos à análise de um texto muito importante nesse contexto. Trata-se de uma retomada histórica dos anos 90 e 2000 relacionada ao analfabetismo infantil<sup>1</sup>. O autor faz uso dos dados dos censos de 1991 e 2000, além dos dados de uma microssérie do PNAD (Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílios) de 1990 até 2007 para mostrar que há uma grande desigualdade nas taxas de alfabetização no Brasil. Para esse trabalho não é interessante observar todas as tabelas e gráficos do texto, por isso apenas alguns foram selecionados.

O autor apresenta a primeira tabela e gráfico sobre o assunto com dados selecionados referentes a cinco esferas de análise:

1 – O Brasil, tendo em vista a média nacional;

2 – Rio Grande do Sul, o estado com as melhores taxas de alfabetização entre os estados brasileiros;

3 – Alagoas, o estado com as piores taxas de alfabetização entre os estados brasileiros.

4 – Montauri, município do Rio Grande do Sul com maior taxa de alfabetização entre todos os municípios;

5 – Olho d'Água Grande, município de Alagoas com pior taxa de alfabetização entre todos os municípios.

Nesse comparativo o autor apresenta a Tabela 1 e o Gráfico 1, nos quais é possível perceber a grande disparidade entre as cinco macrorregiões estudadas desde a largada, aos seis anos de idade. A tabela 1 e o gráfico 1 fazem uso de dados do senso demográfico de 2000. Vale lembrar que hoje, no ensino fundamental de nove anos, as crianças começam o ensino fundamental e a alfabetização aos seis anos de idade, o que foi garantido, para todo o Brasil, apenas em 2006 com a lei n.º11.274<sup>2</sup>. Isso torna os dados da Tabela 1 e do Gráfico 1 ainda mais interessantes, pois naquela época não se tratava de ensino fundamental, e sim

---

<sup>1</sup> FERRARO, Alceu Ravello. A trajetória das taxas de alfabetização no Brasil nas décadas de 1990 e 2000. Educ. Soc. , 2011, vol.32, no.117.

<sup>2</sup> BRASIL. Presidência da República. Lei n.º11.274/2006. Brasília, 2006.

de educação infantil, foco desse trabalho. É possível concluir através desses dados que essa grande diferença entre os níveis de alfabetização começa na educação infantil.

É importante notar, ainda na mesma tabela e gráfico, que o município de Mountari alcança muito precocemente a "alfabetização plena", já aos 8 anos de idade de suas crianças, ou seja, no segundo ano escolar obrigatório da época, enquanto o outro município em questão, Olho d'Água Grande, só vai alcançar a metade da taxa de alfabetização em suas crianças de 10 anos de idade, equivalentes ao quarto ano de escolarização obrigatória de suas crianças. É peculiar perceber que coisa semelhante acontece com o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) dos dois municípios, pois de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)<sup>3</sup> apenas em 2010 o município de Alagoas ultrapassa 0,5 no IDH, enquanto em 1991 o município gaúcho já alcançava o índice de 0,484.

Isso apenas corrobora as afirmações tão difundidas no senso comum sobre a situação financeira/realidade social e o nível da educação. De fato, através desse exemplo é possível perceber que essa deficiência no ponto de largada faz toda a diferença no restante do estudo, pois na verdade não há igualdade de oportunidades, conforme pregado através das políticas educacionais baseadas na meritocracia difundida na Constituição Federal<sup>4</sup>.

**Tabela 1**

Trajatória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade. Brasil e estados e municípios selecionados, 2000.

Taxa de alfabetização (%)					
Idade	BR	RS	AL	Montauri RS	Olho d'Água Grande AL
5 anos	8,8	5,3	6,6	0,0	2,2
6 anos	28,9	29,6	17,9	30,0	4,1
7 anos	59,7	76,0	32,5	87,5	8,6
8 anos	76,1	92,8	45,9	100,0	26,9
9 anos	84,4	96,6	58,6	100,0	28,7
10 anos	88,6	97,9	67,0	100,0	50,3
11 anos	91,8	98,4	74,5	100,0	52,3
12 anos	93,3	98,5	78,5	96,9	60,6
13 anos	94,6	98,7	82,1	100,0	62,8
14 anos	95,2	98,7	83,4	100,0	64,6

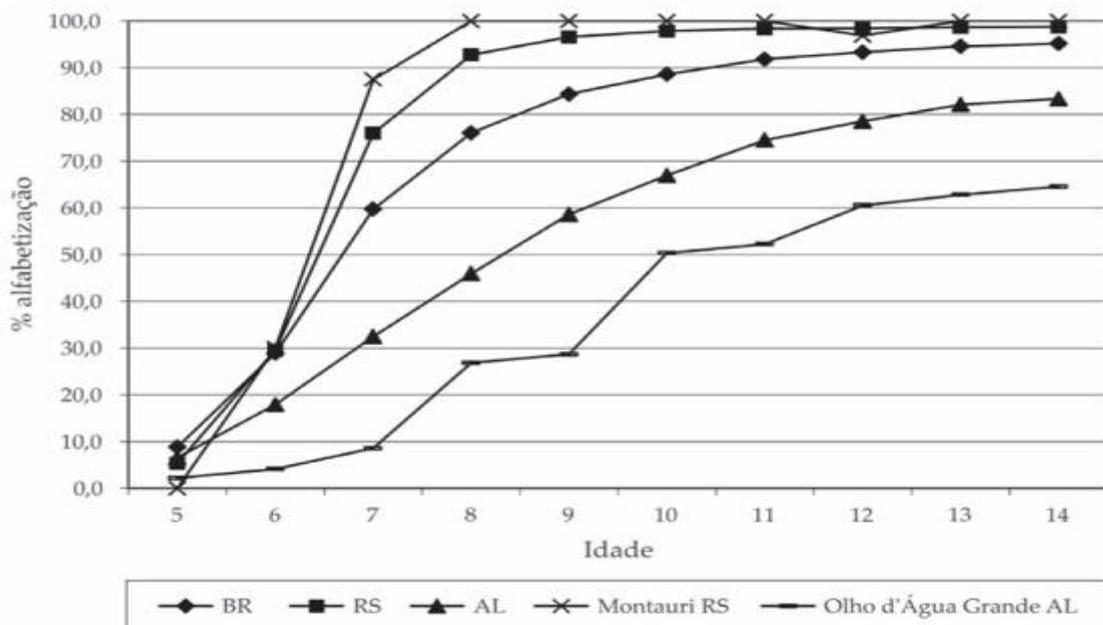
Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

<sup>3</sup> IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>>

<sup>4</sup> BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1998.

**Gráfico 1**

Trajetória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade. Brasil e estados e municípios selecionados, 2000.



Fonte: Tabela 1.

Em seguida, no texto, começa-se a tratar apenas do Brasil como macrorregião, comparando outras características, além da idade e da taxa de alfabetização. Dentre as tabelas e gráficos apresentados, escolhi apenas mais 3 tabelas e 3 gráficos para esse seção do trabalho, os quais são as tabelas 3, 5 e 6, bem como os gráficos 3, 5 e 6.

A tabela 3 e o gráfico 3 foram feitos a partir de informações de sucessivas PNAD's, de 1990 até 2007, e mostram a evolução das taxas de alfabetização brasileiras durante o período. Há, novamente, saltos expressivos entre as idades de 6, 7 e 8 anos dos dados de 2003 para os de 2007, que podem significar, novamente, avanços causados pela mudança da política de quantidade de anos no ensino fundamental e a alfabetização começando aos 6 anos de idade, instituído em 2006 e já comentado.

**Tabela 2**

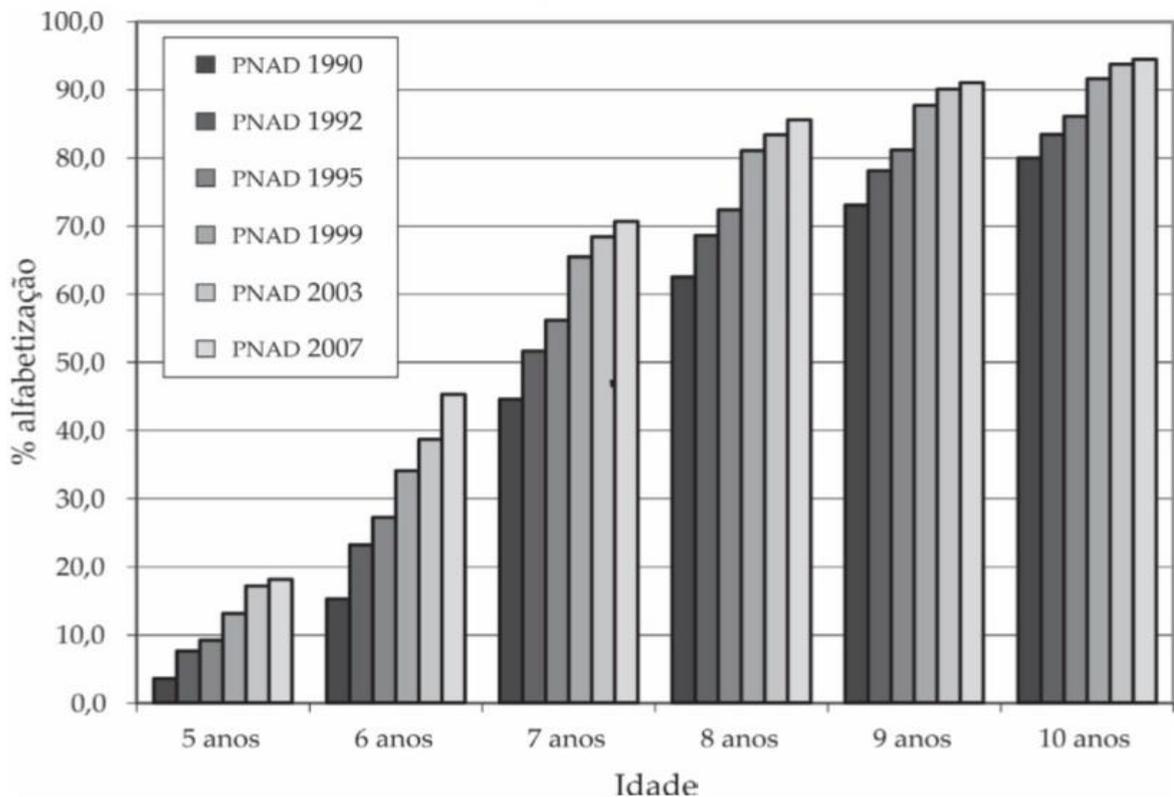
Trajetória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade.  
Brasil, 1990 a 2007.

Idade	Taxa de alfabetização (%)					
	PNAD 1990	PNAD 1992	PNAD 1995	PNAD 1999	PNAD 2003	PNAD 2007
5 anos	3,6	7,6	9,2	13,2	17,2	18,1
6 anos	15,3	23,2	27,2	34,1	38,7	45,3
7 anos	44,6	51,7	56,1	65,5	68,4	70,6
8 anos	62,5	68,6	72,4	81,0	83,4	85,5
9 anos	73,1	78,1	81,1	87,7	90,1	91,0
10 anos	80,0	83,4	86,1	91,6	93,7	94,4
11 anos	84,1	86,9	88,6	94,1	95,7	96,1
12 anos	86,7	88,8	91,6	95,3	97,2	97,5
13 anos	88,7	90,2	92,8	95,8	97,5	98,1
14 anos	90,3	91,8	93,7	96,6	98,0	98,4

Fontes: IBGE, PNADs 1990, 1992, 1995, 1999, 2003 e 2007. Microdados.

**Gráfico 2**

Trajetória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 10 anos, segundo a idade.  
Brasil, 1990 a 2007.



Fonte: Tabela 2

Trago, por fim, as tabelas 5 e 6, bem como os respectivos gráficos, que trazem para a discussão outras questões importantes, as quais são sexo e raça (cor de pele). As tabelas mostram sempre a população total e a população alfabetizada desse total, para descobrir a taxa de alfabetização daquela idade, enquanto os gráficos trabalham apenas com os percentuais obtidos. Os dados foram retirados do Censo demográfico de 2000 e são reveladores, pois mostram outra vez a questão do ponto de partida dessa alfabetização: o grupo que “sai atrás na corrida da alfabetização” continua em déficit em relação ao outro grupo. Os dois grupos tem trajetórias ascendentes, entretanto aquele que começou com a média menor permanece com o resultado final menor (aos 14 anos). Novamente, é possível perceber a importância do ponto de partida, que entendemos ser a educação infantil.

**Tabela 3**

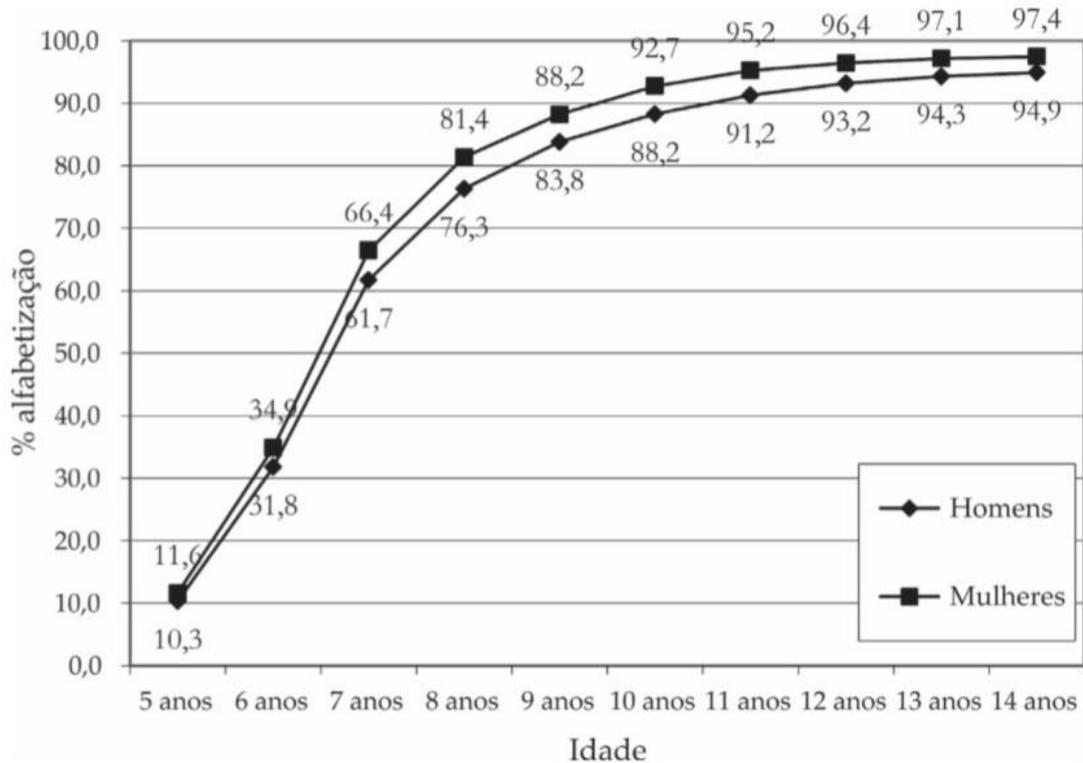
Trajectoria da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade, por sexo. Brasil, 2000.

Idade	Taxa de alfabetização (%)					
	Homens			Mulheres		
	Total	Alfabet.	%	Total	Alfabet.	%
5 anos	1.739.988	179.497	10,3	1.687.529	195.752	11,6
6 anos	1.682.175	534.875	31,8	1.629.327	567.985	34,9
7 anos	1.675.822	1.033.673	61,7	1.631.518	1.083.876	66,4
8 anos	1.659.280	1.265.877	76,3	1.598.543	1.300.456	81,4
9 anos	1.662.387	1.392.847	83,8	1.609.691	1.419.725	88,2
10 anos	1.719.615	1.517.314	88,2	1.625.740	1.507.490	92,7
11 anos	1.755.012	1.601.430	91,2	1.696.495	1.615.546	95,2
12 anos	1.776.054	1.655.060	93,2	1.741.866	1.679.441	96,4
13 anos	1.741.981	1.642.231	94,3	1.730.919	1.681.468	97,1
14 anos	1.791.179	1.699.703	94,9	1.774.823	1.729.184	97,4

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Microdados.

**Gráfico 3**

Trajetória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade, por sexo. Brasil, 2000.



Fonte: Tabela 3.

**Tabela 4**

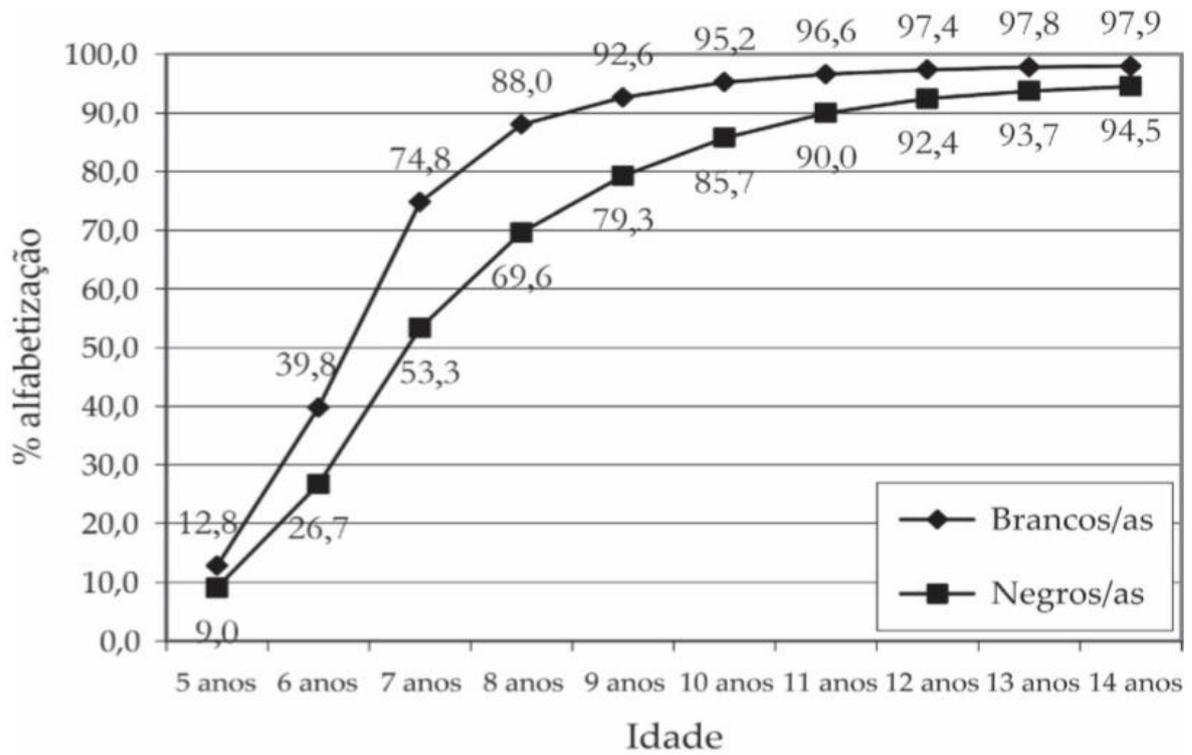
Trajetória da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade, por cor ou raça. Brasil, 2000.

Idade	Taxa de alfabetização (%)					
	Brancos/as			Negros/as		
	Total	Alfabet.	%	Total	Alfabet.	%
5 anos	1.732.900	220.970	12,8	1.636.502	147.846	9,0
6 anos	1.662.842	661.119	39,8	1.594.570	425.836	26,7
7 anos	1.650.136	1.233.768	74,8	1.602.716	854.154	53,3
8 anos	1.621.168	1.426.815	88,0	1.580.780	1.100.633	69,6
9 anos	1.642.913	1.521.977	92,6	1.573.971	1.247.598	79,3
10 anos	1.662.177	1.582.687	95,2	1.629.095	1.396.881	85,7
11 anos	1.700.943	1.642.855	96,6	1.697.560	1.527.272	90,0
12 anos	1.710.125	1.664.905	97,4	1.753.582	1.620.627	92,4
13 anos	1.695.701	1.658.730	97,8	1.723.644	1.615.377	93,7
14 anos	1.733.300	1.697.696	97,9	1.777.035	1.679.430	94,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000. Microdados.

### Gráfico 5

Trajectoria da taxa de alfabetização entre as pessoas de 5 a 14 anos, segundo a idade, por cor ou raça. Brasil, 2000.



Fonte: Tabela 5.

## 2.2 – INVESTIGAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUZIDOS COM TEMÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL

Essa sessão do trabalho é constituída por uma revisão bibliográfica, que busca entender o quanto o tema estudado é discutido pela comunidade acadêmica brasileira, a análise de um artigo que se propôs a relacionar os temas dessa pesquisa de maneira sistemática e, por fim, uma breve retomada histórica, para compreensão dos aspectos políticos e históricos por trás desse estudo.

Nesse trabalho de revisão, espera-se encontrar poucos ou quase nenhum trabalho acadêmico que englobe todos os temas que são propostos. O pensamento por trás dessa afirmação é que o senso comum afirma que é grande a importância da educação infantil para o desenvolvimento dos alunos, mas a prática diz o contrário. Nas conversas informais os professores afirmam categoricamente que os alunos que participam de educação infantil tem desenvolvimento melhor, entretanto as secretarias de educação continuam investindo pouco na área. Essas práticas corroboram com a afirmação de Nóvoa, de que a teoria é rica, mas a prática pobre.

Para realizar essa pesquisa, foi usada a base de dados da SciELO (Scientific Electronic Library Online – Biblioteca Eletrônica Científica Online)<sup>5</sup>. A pesquisa foi feita pelo índice de artigos e pelo menu pesquisa de assuntos. Os assuntos e títulos pesquisados foram relacionados aos objetivos específicos, para isso foram utilizadas combinações de palavras, duas a duas e individualmente, as quais foram: educação infantil, avaliação, avaliação externa, ensino fundamental, gestão e alfabetização.

Foram encontrados um total de 24 artigos com títulos e temas associados ao assunto da pesquisa. Todos eles foram retirados da base dados supracitada. Os artigos foram alvo de nova análise, mais minuciosa, com leitura dos resumos e partes dos textos, para identificar se havia algum artigo que contemplasse todos os assuntos pretendidos, ou seja, que fosse semelhante ao assunto dessa monografia. Desses, após leitura detalhada, 6 foram descartados completamente, pois não atendiam os temas previstos.

O texto de Selva e Brandão (2000)<sup>6</sup> trata do uso de problemas matemáticos relacionando à notação escrita para crianças de 4 a 6 anos. No artigo

---

<sup>5</sup> Disponíveis em <<http://www.scielo.com.br>>

<sup>6</sup> SELVA, A C. V. & BRANDÃO, A C.P. *A notação escrita na resolução de problemas por crianças pré-escolares*. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-dez, v.16,n ° 33, p.241-249, 2000.

de Tahin, Alves e Lima (2012)<sup>7</sup> as autoras e o autor discorrem sobre uma pesquisa realizada com 34 diretores de escolas e suas percepções acerca do tema avaliação institucional. Sekkel, Zanellato e Brandão (2010)<sup>8</sup> escreveram um artigo com o tema de acessibilidade e ambientes inclusivos na educação infantil. Torello de Mello, Mello e Torello (2005)<sup>9</sup> trazem o tema da paleontologia à educação infantil, enquanto Mello, Rodrigues, Santos, Costa e Votre (2012)<sup>10</sup> dissertam sobre educação física na educação infantil e suas representações sociais. Por fim, Garcia e Macedo (2011)<sup>11</sup> discutem a relação entre escolas e famílias no contexto da educação infantil por meio da análise de reuniões de pais em seu artigo. Como afirmado anteriormente, nenhum deles trata do tema central da monografia em questão.

Os outros 17 artigos e textos selecionados mostram alguma relação com os temas pesquisados. Para facilitar a análise desses textos os mesmos foram divididos em 5 temas. Os temas foram escolhidos de acordo com os assuntos principais discutidos nos artigos, desde que relacionados ao objetivo dessa pesquisa. No quadro abaixo, seguem os temas nos quais os textos foram separados e a quantidade respectiva de textos:

Quadro 1 – Textos pesquisados divididos por temas

<b><u>Temas dos textos</u></b>	<b><u>Número de textos encontrados</u></b>
Alfabetização	3
Avaliação	4
Avaliação da Alfabetização	2
Educação Infantil	7
Ensino Fundamental	1

O primeiro tema, acerca da alfabetização é contemplado por três textos. O primeiro texto (BOTO, 2004)<sup>12</sup> é uma leitura de uma outra obra, a cartilha

<sup>7</sup> TAHIM, A. P. V. O.; ALVES, L. L.; LIMA, M. A. M. *A gestão escolar e a avaliação institucional : observações segundo os diretores municipais de Fortaleza*. CE. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas. 2012

<sup>8</sup> SEKKEL, M. C.; ZANELATTO, R.; BRANDÃO, S. B. *Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos*. Psicologia em Estudo, Maringá, v.15, n.1, p. 117-126, 2010.

<sup>9</sup> MELLO, F. T.; CRUZ DE MELLO, L. H.; FREITAS TORELLO, M. B. de. *A paleontologia na educação infantil: alfabetizando e construindo o conhecimento*. Ciência & Educação, v. 11, n. 3, p. 395-410, 2005

<sup>10</sup> MELLO, A. S.; RODRIGUES, K. S.; SANTOS, W.; COSTA, F. R.; VOTRE, S. J. *Representações sociais sobre a educação física na educação infantil*. Revista educação Física UEM vol.23 no.3. Maringá. Julho/setembro, 2012.

<sup>11</sup> GARCIA, Heloisa Helena Genovese de Oliveira and MACEDO, Lino de. *Reuniões de pais na educação infantil: modos de gestão*. Cad. Pesqui.[online]. 2011, vol.41, n.142, pp. 208-227.

<sup>12</sup> BOTO, Carlota: "Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático", em *Educação e Pesquisa*, v. 30, nº 3 (2004), pp. 493-511.

alfabetizadora em Portugal de Francisco Júlio Caldas Aulete, do século XIX, a qual fora desenvolvida com objetivo de ensinar a ler e a escrever simultaneamente, e que estava repleta de conceitos importantes que viriam a ser incorporados pela nação portuguesa, tais como, segundo a autora, civilidade, civismo e civilização. O segundo texto (BELINTANE, 2006)<sup>13</sup> trata daquilo que o autor chama de “confrontos contemporâneos” entre métodos, metodologias, filosofias, técnicas e teorias de alfabetização, uma vez que esses embates trazem questões políticas e, ainda de acordo com o autor, muitas vezes revelam fuga da responsabilidade para com a prioridade na alfabetização. O terceiro texto (RADINO, 2001)<sup>14</sup> é sobre a oralidade e seu uso na alfabetização. A reflexão se dá à medida que a autora analisa a maneira como os contos de fadas são usados na educação infantil para favorecer o processo de alfabetização.

O segundo grande tema é avaliação, em suas diferentes facetas, tais como avaliação institucional e avaliação de rendimento dos alunos, onde foram alocados 4 textos. Os dois primeiros tratam de assuntos parecidos, a avaliação institucional, e foram produzidos, também, de maneira semelhante, tratando-se de pesquisas, o primeiro uma pesquisa bibliográfica e o segundo uma pesquisa de mestrado. O primeiro ressalta a autoavaliação nas escolas brasileiras (BRANDALISE, 2010)<sup>15</sup>, percorrendo, de acordo com a autora, três grandes áreas: Avaliação educacional contemporânea, avaliação institucional e autoavaliação nas escolas e desenvolvimento institucional. O segundo texto (LIMEIRA, 2012)<sup>16</sup> é sobre a qualidade da escola pública passando pela avaliação institucional e suas utilizações no pelas diversas organizações locais e mundiais.

Continuando, o terceiro texto do tema (COCCO e SUDBRACK, 2012)<sup>17</sup> traz à tona uma discussão importantíssima acerca da avaliação e seu papel na escola, a saber se seu papel é de regulação ou de emancipação da escola. Esse papel é ainda mais questionado, pois o pano de fundo apresenta importantes reformas educacionais apontando, exatamente aquilo que é temido pelos atores

---

<sup>13</sup> BELINTANE, C. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização. *Educ. Pesqui.*, Ago 2006, v. 32, n. 2, p. 261-277.

<sup>14</sup> RADINO, Gloria. Oralidade, um estado de escritura. *Psicol. estud.* [online]. 2001, vol.6, n.2, pp. 73-79.

<sup>15</sup> BRANDALISE, Mary A. T. Avaliação institucional da escola: conceitos, contextos e práticas. *Olhar de professor*. Ponta Grossa. P. 315-330. 2010.

<sup>16</sup> LIMEIRA, Luciana Cordeiro. Avaliação institucional na escola pública brasileira: mecanismos contraditórios e complementares na educação. ANPAE. III congresso ibero americano de política e administração da educação. Zaragoza, Espanha. 2012.

<sup>17</sup> COCCO, Eliane Maria; SUDBRACK, Edite Maria. Avaliação no contexto escolar: regulação e/ou emancipação.

educacionais, a regulação por parte das instituições de “supervisão”. Ainda no mesmo bloco, o texto de Sordi e Ludke (2009)<sup>18</sup> é sobre a importância da aprendizagem dos saberes por parte dos docentes para melhor desenvolvimento da educação, entrelaçando os temas de avaliação, os quais são avaliação institucional, avaliação da aprendizagem e avaliação de sistemas, os quais, para as autoras, são os temas acerca da aprendizagem de avaliação fundamentais para os atores educacionais.

O próximo bloco de temas é bem próximo ao tema dessa pesquisa, associando os assuntos avaliação e alfabetização. Esse bloco tem apenas dois textos. Apesar disso, os dois textos alocados nessa área são de enorme importância para o entendimento sobre avaliação e alfabetização. O texto de Campos (2013)<sup>19</sup> é sobre o diálogo entre políticas e práticas na avaliação da educação infantil. O argumento inicial da autora é que há uma dicotomia, já que as políticas de avaliação na educação infantil não atenderiam as necessidades específicas da faixa, uma vez que essas políticas seriam responsáveis pelo desenvolvimento do aproveitamento escolar dessas crianças, sendo esse bom ou ruim. O texto compreende alguns pontos nessa discussão, começando pela dualidade entre garantia do acesso e garantia da qualidade na educação infantil, uma vez que, de acordo com ela, quando a discussão sobre qualidade toma o centro da questão a garantia do acesso e da permanência é deixada de lado, especialmente em países como o nosso, onde o acesso já é garantido a quase todos os estudantes. Depois disso, a autora passa a mostrar que a educação infantil percorreu um caminho próprio em relação a avaliação, diferenciado daquilo que existe nas outras faixas escolares. Por fim, a autora mostra que na atualidade os sistemas escolares começam a aplicar avaliações em larga escala na educação infantil, como tendência nacional, o que ela mesma não vê com bons olhos, já que a experiência da educação infantil foi positiva. Já o texto de Gontijo (2012)<sup>20</sup> é uma pesquisa sobre os programas voltados para a alfabetização, e foca na Provinha Brasil, usada como avaliação da alfabetização nacional. A autora compreende que a Provinha Brasil contribui significativamente para a formação de leitores e escritores.

---

<sup>18</sup> LUDKE, Menga. SORDI, Mara Regina Lemes de. Da avaliação da Aprendizagem à Avaliação Institucional: aprendizagens necessárias. In: Avaliação Campinas Sorocaba São Paulo, v 14. p 313-336, Julho, 2009.

<sup>19</sup> CAMPOS, Maria Malta. Entre as políticas de qualidade e a qualidade das práticas. Cad. Pesqui., Abr 2013, vol.43, no.148, p.22-43.

<sup>20</sup> GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Avaliação da alfabetização: Provinha Brasil. *Educ. Pesqui.*, Set 2012, vol.38, no.03, p.603-622.

O penúltimo bloco é voltado para a educação infantil e contém 7 textos. De fonte semelhante, o primeiro texto, de Rosemberg (2013)<sup>21</sup>, muito se assemelha ao texto de Campos, do bloco anterior. Ambos são discussões associando educação infantil com políticas de avaliação da aprendizagem e avaliação institucional. A diferença principal é o foco da pesquisa, pois, enquanto o texto de Campos foca nos modelos de avaliação na educação infantil e qual fora a trajetória realizada pela educação infantil pela avaliação, o texto de Rosemberg trata exatamente do foco contrário, ou seja, como fica a qualidade da educação infantil com a aplicação de metodologias externas de avaliação. De acordo com a autora, essa transposição de modelos de avaliação para a educação infantil representa um sério perigo ao desenvolvimento da educação infantil. A mesma autora possui ainda outro texto no mesmo bloco (Rosemberg, 1999)<sup>22</sup>, mas que trata de uma pesquisa feita pela autora sobre reformas educacionais realizadas nas décadas de 60, 70, 80 e 90 e suas consequências, bem como a importante relação entre esse processo de expansão e processos de exclusão na educação infantil.

De maneira muito interessante, o terceiro texto do bloco (VAZ; MOMM, 2012)<sup>23</sup> é um resumo sobre uma publicação, de mesmo nome do texto, “Educação Infantil e Sociedade”. Trata-se de uma compilação de textos e artigos tratando de vários temas da educação infantil na atualidade. De acordo com a fala dos organizadores no texto:

Duas características importantes marcam a publicação. A primeira é que a coletânea constitui um panorama de grandes temas da Educação Infantil, abordando desde fundamentos da Educação Infantil, até reflexões mais específicas acerca das práticas pedagógicas e sistematização de reconhecidos pesquisadores da área. A segunda característica, e talvez a que mais diferencia e coloca esse material como importante recurso de formação de professores, diz respeito ao esforço que se pode observar de articular as reflexões em torno de problematizações acerca de concepções presentes no cenário da educação de crianças pequenas que constituem debates complexos e controverso [...]. (VAZ; MOMM, 2012. P.956)

---

<sup>21</sup> ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas de educação infantil e avaliação. Cad. Pesqui. [online]. 2013, vol.43, n.148.

<sup>22</sup> ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. Cadernos de Pesquisa, n. 107, junho 1999, p. 7-40.

<sup>23</sup> VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (Org.). Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas. Cadernos de pesquisa v.42 n.147 p.950-962 set./dez. 2012.

Já o texto de Drumond (2011)<sup>24</sup> é um resumo de outro livro, que trata da “(...) educação de crianças pequenas em espaços coletivos: as creches e as pré escolas.” (Idem).

O próximo texto (Bassi, 2011)<sup>25</sup> é uma pesquisa sobre o financiamento municipal da educação infantil no Brasil. Foi feita uma avaliação qualitativa e quantitativa desse financiamento, e foi notada desigualdade entre as seis capitais pesquisadas (Belém, Campo Grande, Florianópolis, Fortaleza, Rio de Janeiro e Teresina). O texto seguinte é uma pesquisa (Campos, Esposito, Bhering, Gimenez e Abuchaim. 2011)<sup>26</sup>. Dessa vez a pesquisa é sobre a qualidade da educação infantil, nas mesmas capitais, feitas através do uso de escalas em observações de aulas e escolas, bem como com o uso questionários para os gestores. Os resultados da escola demonstram níveis de qualidade insatisfatórios nas atividades, nas rotinas de cuidado pessoal e de estrutura do programa. Por fim, o texto tem algumas sugestões de mudanças que poderiam levar a uma melhoria na qualidade.

O último texto do bloco (Pereira, Maimone e Oliveira. 2012)<sup>27</sup> versa sobre uma pesquisa realizada e relatada do perfil mediacional de uma professora da educação infantil. Para essa pesquisa foram feitos vídeos das aulas que foram analisados buscando características de interação da educadora no processo de ensino aprendizagem: sensibilidade, autonomia e estimulação. Essa análise servirá, de acordo com os autores, como base para formação de futuros professores da educação infantil.

Como encerramento da análise, o último bloco trata do ensino fundamental e tem apenas um texto. Esse texto (Gontijo, 2013)<sup>28</sup> é dedicado à análise das políticas de alfabetização infantil no Brasil de 2003 a 2013. A autora afirma:

---

<sup>24</sup> DRUMOND, V.; Em busca da forma-educação infantil [FARIA, Ana Lúcia Goulart (Org.). O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes,2007], 12/2011, Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), Vol. 22, Fac. 3, pp.213-217, Campinas, SP, Brasil, 2011

<sup>25</sup> BASSI, Marcos Edgar. (2010). Financiamento da Educação Infantil em seis capitais brasileiras. Cadernos de Pesquisa, v.41, n.142, p.116-141.

<sup>26</sup> CAMPOS, Maria Malta; ESPOSITO, Yara Lúcia; BHERING, Eliana; GIMENES, Nelson; ABUCHAIM, Beatriz. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras Cadernos de pesquisa 41 (142), 20-54

<sup>27</sup> PEREIRA, Helena de Ornellas Sivieri; MAIMONE, Eulália Henriques; OLIVEIRA, Aline Patrícia. Avaliação do perfil mediacional de uma professora da educação infantil. *Psicol. Esc. Educ.*, Jun 2012, vol.16, no.1, p.105-112.

<sup>28</sup> GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Alfabetização no ciclo inicial do ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as proposições do Ministério da Educação. *Cad. CEDES*, Abr 2013, vol.33, no.89, p.35-49.

[...] que as proposições do Ministério da Educação ainda estão pautadas na ideia de carência cultural e, por isso, em grande medida, as orientações para o ensino da linguagem escrita estão fundadas em processos de aquisição de capacidades que visam a suprir tais carências. (GONTIJO, 2013. P. 35)

A análise de todos esses textos mostra que não há muita produção literária que relacione o rendimento dos alunos no ensino fundamental, nem mesmo da alfabetização pela participação ou não do aluno na educação infantil. Apesar disso, foi encontrado um texto que entrelaça todos esses temas, o qual passamos a analisar agora. Kagan (2011)<sup>29</sup> faz referência a um estudo muito grande e importante na área, que será tratado logo em seguida nesse trabalho.

A autora começa o texto informando que o mesmo se trata de uma revisão de um outro estudo sobre a educação infantil no Brasil, supracitado e que deixaremos por último na nossa análise. Logo na introdução, a autora afirma que desde a última década tem surgido maior e maior interesse na expansão da educação infantil, mas as pessoas têm tomado pouco cuidado com a qualidade da mesma. De acordo com o estudo, entretanto, ter frequentado ou não uma escola de educação infantil faz diferença na análise do rendimento na alfabetização através da Provinha Brasil, mas faz ainda maior diferença ter frequentado uma escola de boa qualidade:

Então, a frequência à pré-escola faz diferença. Mais importante, porém, é que a qualidade da pré-escola faz diferença ainda maior. Segundo o estudo, quase toda a variação pode ser explicada pela qualidade da pré-escola, ou seja:

[...] levando em conta apenas a variabilidade da pré-escola, a qualidade explica as diferenças entre os alunos nos resultados da Provinha Brasil. Assim, pode-se concluir que a qualidade da pré-escola é responsável por 2% das diferenças entre os resultados dos alunos. (Campos, coord., 2010)

O estudo chega a quantificar com precisão essa diferença, considerando os resultados de um exame nacional: para os alunos que tinham frequentado pré-escolas de alta qualidade, isto é, que tinham obtido escores iguais ou maiores que 6 (adequado ou mais), o resultado estimado na Provinha Brasil foi em torno de 19,3, o que corresponde ao nível 4 de habilidade de leitura e escrita, segundo os descritores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep. No entanto, para os alunos que tinham frequentado pré-escolas de baixa qualidade, ou seja, que tinham obtido

---

<sup>29</sup> KAGAN, Sharon Lynn. Qualidade na educação infantil: revisão de um estudo brasileiro e recomendações. Cad. Pesqui. [online]. 2011, vol.41, n.142, pp. 56-67.

escores abaixo de 6 (adequado ou menos), os resultados na Provinha Brasil foram em torno de 17,4, o que corresponde ao nível 3 de habilidade de leitura e escrita. (Kagan, 2011. P. 59 e 60)

Por fim, é importante citar o notável trabalho Educação Infantil no Brasil – Avaliação Qualitativa e Quantitativa (relatório final)<sup>30</sup>. O trabalho é um estudo importante sobre a qualidade da educação infantil no Brasil. Foram examinados um total de 150 estabelecimentos que ofertavam a educação infantil, e foram aplicados questionários, os quais somaram um total de 1.156 respondidos. O trabalho é esclarecedor sobre como anda a qualidade das instituições de instituição infantil, o que não é nada animador, mas é muito mais importante quando são analisados os resultados das crianças na Provinha Brasil, comparando os resultados daqueles que cursaram a educação infantil e daqueles que não cursaram. Conforme esperado, e propagado através do senso comum, os alunos que cursaram a educação infantil obtiveram melhores notas no exame, como mostra a tabela abaixo (tabela 9.32). Nela, podemos ver dois grupos, o grupo controle, que é o grupo que não frequentou a Educação Infantil, e o grupo EI, que é o grupo que frequentou a educação infantil.

**Tabela 6**  
Médias na Provinha Brasil, segundo a condição frequentou ou não uma turma de educação infantil

Frequência à EI	n	%	Média	DP
Grupo controle	157	20,6	16,1	5,4
Grupo EI	605	79,4	17,5	5,0
<b>Total</b>	<b>762</b>	<b>100,0</b>	<b>17,2</b>	<b>5,1</b>

Fonte: Educação infantil no Brasil: Avaliação qualitativa e quantitativa. Relatório Final.

O trabalho segue descrevendo vários outros itens da análise das famílias que mostram que existem muitos fatores que podem vir a prejudicar o rendimento dos alunos na Provinha Brasil, tais como baixa escolaridade dos pais, existência de livros e revistas na casa onde elas moram e baixa renda familiar, ou ainda, mostra que cor da pele e sexo influencia na média de nota no exame. Por outro lado, o indicador mais importante do relatório para esse trabalho é o que mostra que as crianças que frequentaram instituições de educação infantil de qualidade alta têm notas ainda melhores na Provinha.

<sup>30</sup> CAMPOS, M. M.; ESPÓSITO, Y. L.; ROSEMBERG, F.; ANDRADE, D. F. de; GIMENES, N.; UNBEHAUM, S.; VALLE, R.; BIZZOCCHI, M.; BHERING, E.; ABUCHAIM, B. de O. Educação infantil no Brasil: Avaliação qualitativa e quantitativa. Relatório Final. Fundação Carlos Chagas, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Ministério da Educação, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/pesquisa/eixostematicos/educacaoinfantil/pdf/relatorio\\_final.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/eixostematicos/educacaoinfantil/pdf/relatorio_final.pdf)>

**Tabela 7**

Médias na Provinha Brasil, segundo a frequência à pré-escola e qualidade do estabelecimento de educação infantil

Qualidade da EI - Pré-escola	n	%	Média	DP
Baixa	115	15,1	17,5	5,7
Intermediária	260	34,1	17,0	5,0
Alta	230	30,2	18,1	4,7
Grupo controle	157	20,6	16,1	5,4
<b>Grupo total</b>	<b>762</b>	<b>100,0</b>	<b>17,2</b>	<b>5,1</b>

Fonte: Educação infantil no Brasil: Avaliação qualitativa e quantitativa. Relatório Final.

Essa informação mostra que não basta que as crianças sejam atendidas pela educação infantil para que seus resultados na alfabetização sejam melhores do que o esperado, elas necessitam, ainda, frequentar escolas de educação infantil de qualidade. O principal indicador, ainda de acordo com a pesquisa, é o relacionamento entre professor e aluno:

Dentre todos os preditores de qualidade, porém, um se destaca pela forte confiabilidade: “os processos relacionais entre professores e crianças” (Justice et al., 2008; Howes et al., 2008). Segundo o relatório global de monitoramento do Educação para todos (Unesco, 2008, p.39), “a interação entre a criança e o cuidador ou professor é o determinante-chave da qualidade dos programas de educação infantil”. Sabe-se que os professores que são menos rígidos, mais encorajadores e mais bem treinados conferem melhor qualidade aos programas. Assim, ter adultos bem formados, com bom nível de conhecimento, que recebam apoio em seu papel educacional, é crucial. Os professores devem ser profundamente versados em desenvolvimento infantil (Shonkoff, Phillips, 2000); ser capazes de implementar programas apropriados ao desenvolvimento infantil (Bredekamp, Copple, 2008); e usufruir de oportunidades de desenvolvimento profissional, que devem ser “intensivas, contínuas, individualizadas – o que às vezes é conseguido embutindo-se a formação em serviço,[...] inclusiva [...] e focalizada, que cubra conteúdos específicos mais do que séries de tópicos” (Weber, Trauten, 2008, p. 3). Por mais importante que sejam essas variáveis, há que notar que ainda há certa ambiguidade quanto à perspectiva correta e à quantidade precisa de formação necessária para que os professores desempenhem bem seu papel (Buysse, Winton, Rous, 2009; Goffin, Washington, 2007).

(KAGAN, 2011. Pág 63.)

Dessa maneira, os autores da pesquisa concluíram que ainda precisa-se de muito investimento na educação infantil, mas principalmente na formação de professores para desenvolver cada vez mais a alfabetização dessas crianças.

### 3 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Para realizar esse trabalho, foi necessário realizar uma pesquisa. O foco era descobrir as representações dos atores escolares responsáveis pela educação dessas crianças. São eles os pais, os professores e os gestores. O universo de pesquisa será uma escola da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal em que coexistam turmas de educação infantil e turmas de alfabetização, na ocasião Escola Classe Varjão, citada anteriormente.

Como a ideia é entender o que pensam essas pessoas, foram aplicados questionários aos atores educacionais selecionados (pais, professores, gestores e outros). Uma vez que foi feita tão densa pesquisa sobre o assunto (o que já foi relatado anteriormente nesse trabalho) e baseando-se no livro de Moroz e Gianfaldoni<sup>31</sup>, o uso do questionário é ideal para esse trabalho. O questionário e a entrevista são semelhantes e nesse caso complementares, pois ambos apresentam questões a serem respondidas, por escrito. A grande diferença entre os dois é que o questionário não tem intervenção direta do pesquisador, enquanto a entrevista é realizada pelo próprio. A vantagem do questionário é não necessitar da presença do aplicador, podendo ser realizado com um grande número de pessoas ao mesmo tempo, enquanto na entrevista a vantagem é poder perceber subjetividades na fala de quem responde, bem como ter maior flexibilidade, pois é possível esclarecer pontos que não estejam tão claros. É importante ressaltar que nesse trabalho foram usados apenas questionários, respondidos presencialmente e enviado para casa de alunos, para que os pais respondessem.

Antes de qualquer coisa, a hipótese principal é que todos esses atores tenham a mesma representação, de que os alunos que frequentam a educação infantil têm melhor desempenho na alfabetização do que os alunos que

---

<sup>31</sup> MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena Tiepo Alves. O processo de pesquisa: iniciação. Brasília: Plano, 2002.

não a frequentam. Isso se confunde, dentro da escola, com o desempenho inicial das crianças, inclusive no que se diz acerca do comportamento das crianças. É necessário dizer que a pergunta principal do questionário é subjetiva, ou seja, de resposta pessoal. Dessa forma, a pesquisa se torna muito mais qualitativa do que quantitativa, no sentido de entender as representações dos atores em questão.

A pesquisa qualitativa, ainda segundo Monoz e Gianfaldoni, é bem exemplificada nesse trabalho, quando ainda que procure se ter um número considerável de questionários aplicados e de entrevistas realizadas, o foco é entender a representação de cada um dos atores entrevistados, ou seja, ir fundo no que cada um pensa. Isso torna essa pesquisa essencialmente qualitativa. Se há um fundo quantitativo nessa pesquisa, trata-se do uso de gráficos.

O que é comum escutar dos professores é que os alunos chegam muito “crus” (ou seja, despreparado) na escola, muitos sem sequer conhecer as letras, escrevendo em garatujos (rabiscos), ou ainda alunos que não “sabem” nem ao menos como segurar um lápis, exatamente porque não tiveram acesso à educação infantil. Por outro lado é necessário entender que a política de alfabetização é exatamente essa: uma vez que a educação infantil no Brasil atende apenas a uma parcela da educação, a responsabilidade dos primeiros anos de estudo é delegada aos professores do ensino fundamental. Dessa maneira são os professores de 1º ano do ensino fundamental quem receberam a missão de ensinar às crianças as primeiras letras, e, se não sabem, ensinar inclusive como segurar um lápis.

Em Brasília foi criado o BIA (Bloco Inicial de Alfabetização) com a finalidade de aumentar o potencial alfabetizador dos três primeiros anos de estudo no ensino fundamental. A experiência teve certo sucesso e tenta ser copiada e ampliada através política de ciclos no Distrito Federal.

No âmbito nacional, ainda no ano de 2013 foi lançado o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, que de acordo com a política do próprio pacto, é aos 8 anos. Durante esse período tem acontecido cursos de formação de professores em nível nacional, tanto na aprendizagem da língua materna como na questão do letramento matemático. A portaria 867 do Ministério da Educação<sup>32</sup> instituiu o pacto, “(...) pelo qual o Ministério da Educação (MEC) e as secretarias estaduais, distrital e municipais de educação reafirmam e ampliam o compromisso previsto no Decreto no 6.094, de 24 de abril de 2007, de alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental (...)”.

Voltando à questão da pesquisa, é possível parafrasear o livro de Moroz e Gianfaldoni (2006), afirmando que é necessário delinear bem onde se quer chegar, para saber qual caminho percorrer. Saber o alvo da pesquisa é essencial para entender como deve ser elaborado o questionário, como devem ser direcionadas as entrevistas e etc. A questão principal que esse trabalho se propõe a responder: **“Cursar ou não a educação infantil é decisivo no resultado da criança na Provinha Brasil e na ANA?”**. Assim sendo, é importante que o questionário seja produzido de maneira a responder essa questão, não se esquecendo de quem serão as pessoas a responder esses questionários.

O roteiro de perguntas do questionário será o seguinte:

\*Identificar o responsável, professor ou gestor;

\*Descobrir se a(s) criança(s) em questão cursou (cursaram) a educação infantil;

---

<sup>32</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministro de estado da educação. Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, p.22-23, 2012b.

\*Perceber qual a representação do responsável, professor ou gestor em relação à criança ter cursado a educação infantil e seu rendimento escolar na alfabetização.

Através desse questionário é possível entender qual é a percepção dos atores escolares sobre o fato de as crianças terem cursado ou não a educação infantil em relação ao seu desempenho na alfabetização. Esse questionário deve ser aplicado a todos os 40 professores de uma escola já previamente selecionada, a tantos pais dessa mesma escola quantos puder conseguir, e aos membros da equipe gestora de uma escola pública, a Escola Classe Varjão, que possui classes de educação infantil e turmas de alfabetização. Os questionários serão aplicados, preferencialmente, de maneira presencial, com o aplicador por perto.

Para auxiliar a análise dos dados, foi utilizado um programa online e gratuito alocado no sítio eletrônico de nome “enquete fácil”<sup>33</sup>. Os questionários foram aplicados de maneira presencial, mas foram lançados em uma base de dados específica no sítio supracitado. As respostas obtidas nos questionários foram lançadas diretamente no site, o qual forneceu automaticamente gráficos sobre as respostas, com possibilidade cruzamento de dados. É importante notar se todas as “classes” de atores em questão têm a mesma opinião, percebendo, por exemplo, se todos os professores concordam em afirmar que os alunos que cursaram a educação infantil se saem melhor do que os outros estudantes em relação à alfabetização. A pesquisa tem um link<sup>34</sup> específico, personalizado e controlado, sendo possível monitorar quantos questionários estão sendo inseridos, verificar a veracidade deles e ainda comparar suas respostas individualmente.

Uma cópia do questionário aplicado está disponível no apêndice desse trabalho.

---

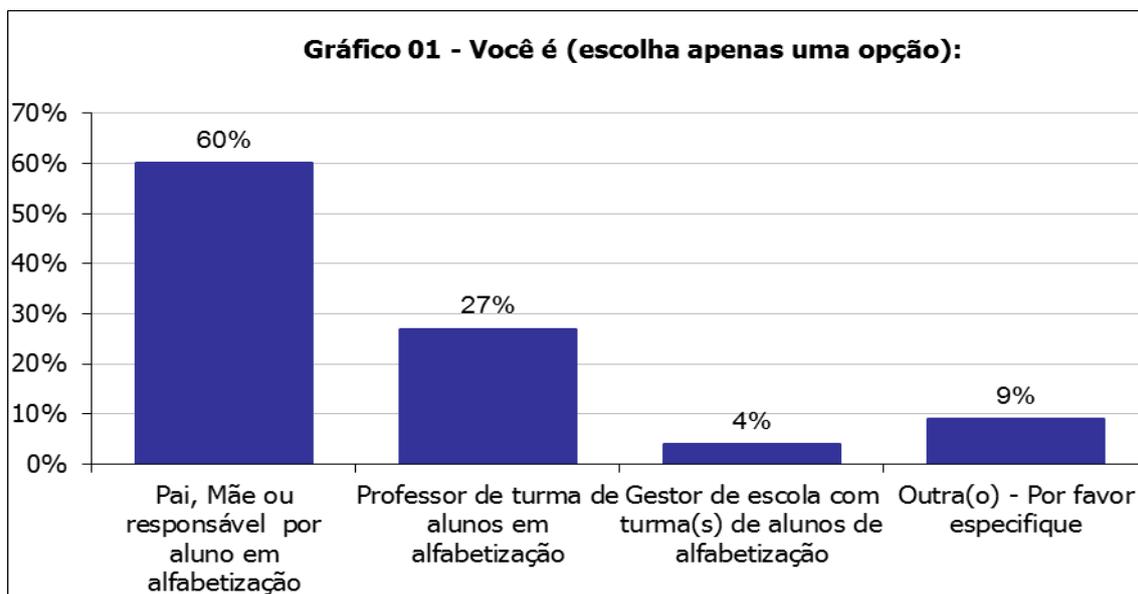
<sup>33</sup> Disponível na internet no sítio eletrônico: <[www.enquetefacil.com](http://www.enquetefacil.com)>

<sup>34</sup> Disponível em <<http://www.enquetefacil.com/RespWeb/Qn.aspx?EID=1740836>>

#### 4 - RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

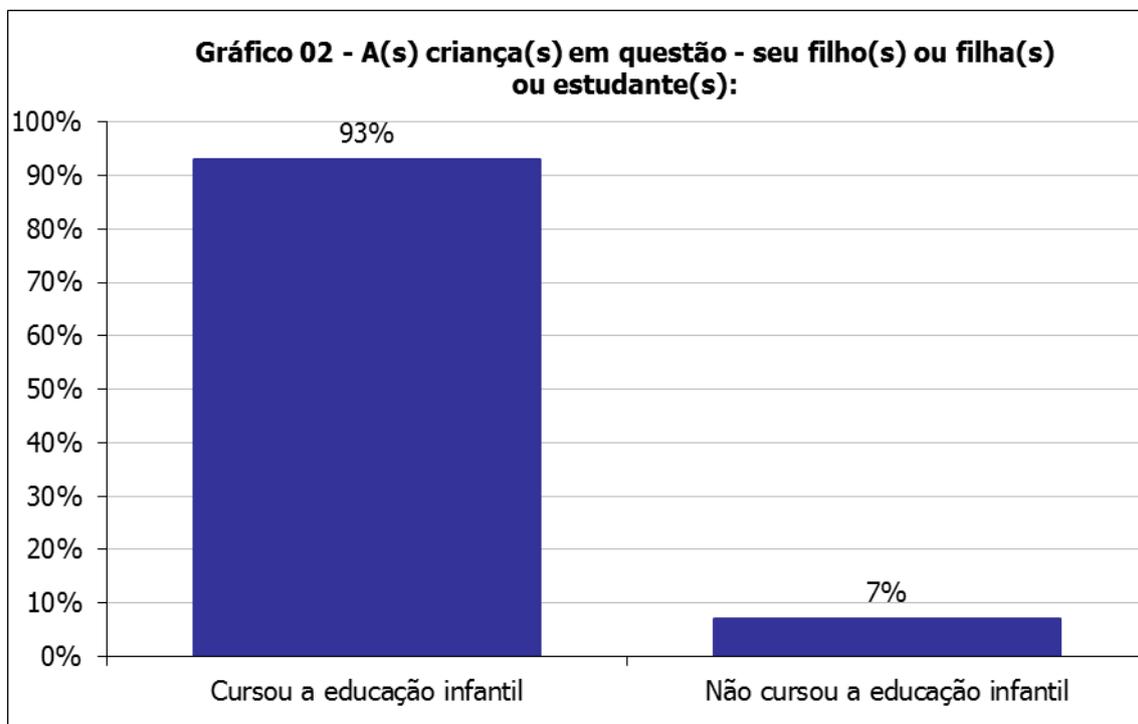
Alguns questionários foram aplicados presencialmente, mas outros foram enviados para a casa dos alunos, para que os pais dos mesmos pudessem respondê-los. Foram aplicados um total de 350 questionários, e apenas 100 foram devolvidos. Dos 100, muitos vieram com problemas de respostas, especialmente com a última questão sem resposta. Dessa maneira, foi possível aproveitar apenas 70 questionários, que comporão o banco de dados desse trabalho. Durante a aplicação, foi notada a inadequação de algumas perguntas do questionário. Percebi que o ideal era ter feito dois questionários diferentes, um para os pais e responsáveis e outro para professores, gestores e coordenadores.

Dos 70 questionários, 42 foram respondidos por pais, mães e/ou responsáveis pelos alunos, 19 foram respondidos por professores de alfabetização, 3 foram respondidos por gestores e 6 foram respondidos por pessoas alocadas na categoria outros, que nesse estudo são todos professores da rede pública atuando em outros anos ou coordenadores pedagógicos de escolas públicas. O gráfico 01, abaixo, mostra esses dados e revela que 60% dos questionários são de pais, mães e/ou responsáveis, 27% são professores alfabetizadores, 4% gestores e 9% outros.



Das 70 pessoas que responderam os questionários, 65 afirmam que as crianças cursaram educação infantil e 5 declaram que não, representando 93% e 7% do total, respectivamente. Entretanto, durante a aplicação, vários professores afirmaram que não eram todos os seus alunos que tinham cursado a educação infantil, o que indicou a necessidade da existência de duas versões diferentes de questionário, um para os professores, coordenadores e gestores e outro para pais e responsáveis. Apesar disso, é interessante notar que ainda que a maioria absoluta dos respondentes tenha afirmado que as crianças em questão haviam cursado a educação infantil, há de se ler que a maior parte cursou, mas não representam a totalidade.

De acordo com o relato dos professores, por se tratar de uma escola que tem turmas da educação infantil ao 5º ano, dos seus alunos apenas uma média de 4 ou 5 alunos por turma não cursaram a educação infantil. O gráfico 02 revela esses dados:

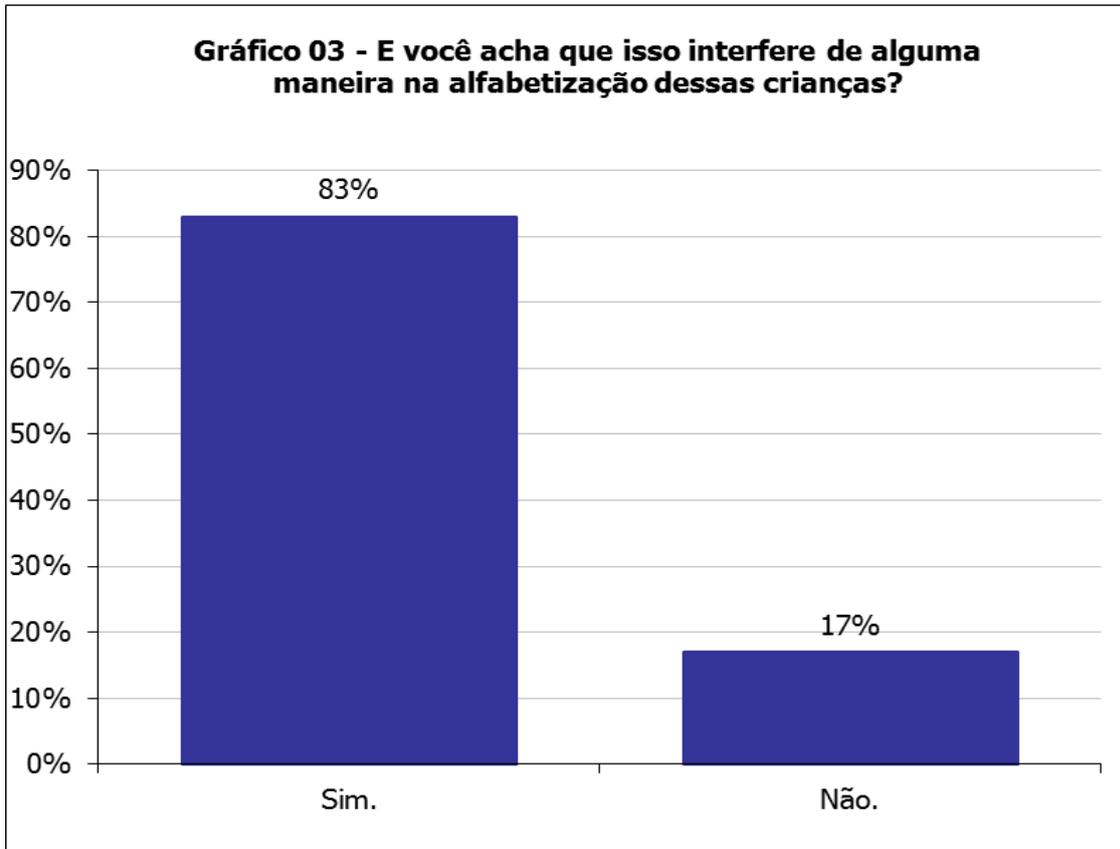


Em relação à terceira pergunta, para melhor análise, foi necessário fazer uma adaptação, dividindo-a em duas partes. A primeira parte, objetiva, é a percepção se a resposta é afirmativa ou negativa, ou seja, se aquele que responde à pergunta “E você acha que isso (*cursar a educação infantil*) interfere de alguma maneira na alfabetização dessas crianças?” confirma ou nega que a educação infantil interfere ou não no processo de alfabetização. Em outras palavras, se a resposta é positiva ou negativa, se é sim ou é não. Por outro lado, a segunda parte passou a ser uma pergunta aberta, exatamente como prevê a pergunta, para entender, de acordo com a percepção do respondente, como cursar ou não a educação infantil interfere na alfabetização das crianças em questão.

Na primeira parte da pergunta, foi notado que alguns pais entenderam de maneira negativa a palavra “interfere” na pergunta, como se essa interferência fosse necessariamente ruim, o que não era a intenção da pergunta, que buscava neutralidade, sem induzir a resposta. Isso foi notado em algumas respostas confusas, como o exemplo abaixo:

“Não atrapalha, pelo contrário, ajuda”.

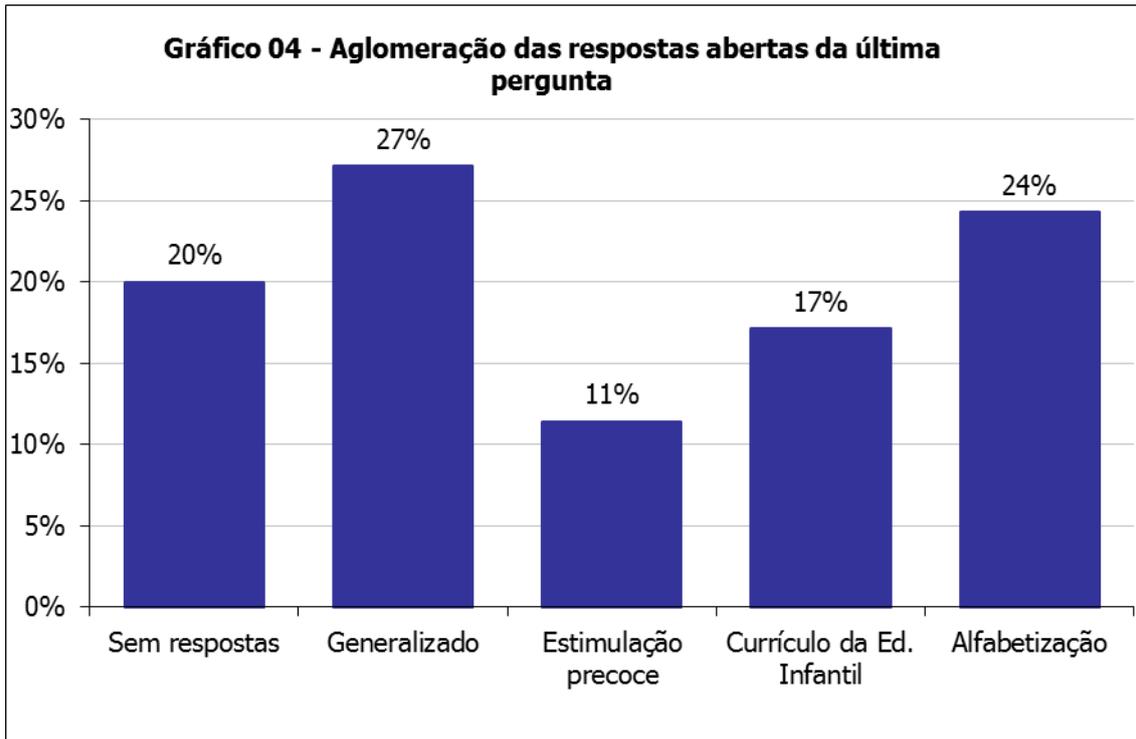
Das 70 respostas contabilizadas, 58 foram respostas positivas, afirmando que, de fato, cursar a educação infantil interfere na alfabetização, totalizando 83% das respostas, enquanto 12 respostas foram negativas, mostrando certa confusão quanto à palavra “interfere”, totalizando 17% das respostas válidas contabilizadas. O gráfico 03, abaixo, mostra essas porcentagens:



Para análise da segunda parte da pergunta, as respostas abertas foram agrupadas em blocos, conforme a lista abaixo, totalizando 70 questionários:

- Sem resposta (14 questionários);
- Generalizado (19 questionários);
- Importância do estímulo precoce (8 questionários);
- Currículo da educação infantil (12 questionários);
- Alfabetização (17 questionários).

Abaixo, o gráfico 04 mostra percentualmente a organização dessas respostas. O primeiro grupo de respostas (sem resposta) tem 20% das respostas. O grupo das respostas generalizadas somou 27% das respostas. Os grupos de respostas de estimulação precoce, currículo da educação infantil e questões acerca da alfabetização tem 11%, 17% e 24%, respectivamente.



Os dois primeiros blocos de respostas são pouco significativos para o estudo. O bloco “sem respostas” é composto por 14 questionários que tinham respostas ilegíveis ou em branco, que não trouxeram nenhuma contribuição para o estudo. Já o segundo bloco, traz respostas generalizadas, passando a ideia de que simplesmente cursar a educação infantil já é suficiente para interferir significativamente para a alfabetização das crianças, demonstrando que a qualidade não é importante ou não faz tanta diferença assim. Essas são impressões do senso comum, demonstrando desconhecimento acerca do assunto no que se trata do currículo da educação infantil ou do que é feito em uma sala de aula de educação infantil. Isso fica comprovado por algumas respostas dadas, tais como:

“Bem, eu como mãe, acredito que aprender nunca é demais”.

“Foi ótimo!”.

O terceiro bloco é composto por respostas com conteúdo relacionado à importância do estímulo precoce às crianças. As respostas nesse bloco giram entorno da temática da presença da criança na escola desde cedo, e que isso traria benefícios significativos. É possível enxergar nas políticas

educacionais recentes essa mesma mentalidade, como ao estabelecer o ensino fundamental de 9 anos, com as crianças entrando na escola a partir dos 6 anos de idade obrigatoriamente. Isso é amplamente difundido, especialmente no ensino de línguas. O senso comum afirma, baseado em alguns estudos científicos, que os primeiros anos da infância é a fase ideal para o aprendizado. Sobre esse bloco, uma frase chama a atenção e traduz muito bem o pensamento aqui trabalhado:

“A criança fica perdida quando não estudou desde cedo, fica em desvantagem em relação as outras crianças”.

Novamente, como nos dois primeiros blocos, não há qualquer compromisso com o conteúdo ou com os procedimentos, enfatizando apenas a importância da permanência das crianças em ambiente escolar na primeira infância.

O quarto bloco é composto por respostas com conteúdos muito próximos do ideal proposto nesse trabalho. O foco do bloco “currículo da educação infantil” é exatamente aquilo que compõe o currículo dessa fase da educação.

Conteúdos e procedimentos relacionados com psicomotricidade, ludicidade e socialização são muito importantes para o desenvolvimento da criança. É interessante notar que nenhuma das 12 respostas desse bloco foi escrita por pais, mães ou responsáveis. Todas foram respostas de professores, gestores ou coordenadores. Isso mostra a importância da formação acadêmica.

Discutir e estudar o currículo das áreas de atuação é parte fundamental do curso de graduação. Muito tem se falado sobre a ineficácia da graduação no sentido de preparar o professor para o chão da sala de aula, mas é inegável que ao menos o conhecimento teórico tem seu lugar nas Instituições de Ensino Superior.

Apesar de se aproximar significativamente do objetivo aqui estudado, esse bloco de respostas só deixou a desejar por não fazer a conexão entre a educação infantil e a alfabetização. As repostas alocadas nesse bloco sequer

tocam no assunto da alfabetização. Ainda que esse processo não ocorra durante a essa fase, a proposta do trabalho é entender se há contribuição da educação infantil para o processo de alfabetização. Um exemplo claro das respostas alocadas nesse grupo são as seguintes:

“As crianças que frequentaram a educação infantil são mais sociáveis e se desenvolvem mais rápido. Melhora a coordenação motora, a atenção e a rotina diária”.

“Bom, eu sou a favor da educação infantil "pré", é lá que o aluno aprende a ser amigo companheiro e aprende a compartilhar coisas e informações c/ os outros e lá conhecem os primeiros passos p/ a vida de estudos, que é longa”;

Por último, o grupo de respostas que se encaixou na proposta do trabalho foi a que trouxe questões acerca do currículo da educação infantil enfatizando a importância dos mesmos para a alfabetização. Embora a alfabetização não faça parte desse currículo, os aprendizados e o desenvolvimento ocorridos nessa fase serão significativos para que o processo de educação da criança tenha sucesso. Duas frases selecionadas como exemplo das frases desse grupo mostram essa ideia de ambiente alfabetizador da escola, mesmo sem responsabilizar a educação infantil de ensinar as primeiras letras:

“A educação infantil a meu ver é um momento de desenvolvimento de pré-requisitos para a alfabetização, tanto cognitivo como em questões de amadurecimento”.

“A educação infantil possibilita um melhor preparo para a alfabetização. Socializa, amadurece, melhora a coordenação motora entre outras vantagens”.

Não se trata de uma troca de responsabilidades, e nem uma afirmação de que a criança que não cursa a educação infantil é inapta para continuar o processo de ensino e aprendizagem, e sim de uma comprovação que a criança

que tem acesso à vida escolar através da educação infantil será beneficiada nesse processo. Não há notas ou reprovação na educação infantil, há, pelo contrário o ensino lúdico, voltado para o prazer de estudar, ainda que não haja conteúdo programático definido.

Entende-se, ainda, que a criança que não cursa a educação infantil só terá acesso a esse ambiente quando a mesma chegar aos 6 anos, onde já haverá a responsabilidade do aprendizado da alfabetização. Como exemplo, ainda, pode-se usar uma criança que ainda não tenha desenvolvido satisfatoriamente sua coordenação motora para manusear um lápis.

Na primeira situação, ela terá esse contato numa sala de aula voltada para isso, sem “pressões” acerca de um conteúdo a vencer, numa sala de educação infantil. Na segunda situação, ela só terá esse contato numa ocasião diferente, em que a mesma terá que realizar tarefas, ser introduzida ao uso escrito da língua, entre outras práticas. A criança que não teve o contato com o manuseio do lápis de maneira apropriada precisará fazê-lo antes de começar a escrever as primeiras sílabas, enquanto aquela que já consegue manusear o lápis já estará um passo a frente. Conforme as palavras de uma professora em turma de alfabetização:

“Algumas crianças cursaram e outras não, e no meu caso é visível a diferença entre os que cursaram Educação Infantil e os que não cursaram. Os que cursaram estão bem mais avançados no processo de alfabetização”.

A proposta aqui não é a de trazer mais uma responsabilidade ao ensino fundamental, mas de universalização da educação infantil como primeiro ciclo da educação, para que essa possa ser acessível a todas as crianças, para que as disparidades sejam diminuídas logo nos primeiros anos da educação.

## 5 - CONCLUSÃO

Durante a elaboração desse trabalho, o mesmo passou por várias modificações. Inicialmente a ideia era de entender a relação entre educação infantil e o desempenho escolar na alfabetização, e para isso a ideia era entender o desempenho das crianças nas avaliações externas de alfabetização. Acontece, no entanto, que tal pesquisa já fora realizada<sup>35</sup>, e corrobora a prerrogativa inicial de que cursar a educação infantil auxilia a criança no desempenho na alfabetização.

Após ter encontrado esse trabalho através de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, já nas fases finais, a proposta do trabalho foi modificada, O questionário, então, passou a ser voltado para a percepção dos atores educacionais sobre a importância da educação infantil para a alfabetização.

É importante declarar, novamente, a importância dessa pesquisa para o meio educacional, porque embora o censo comum declare que a educação infantil é fundamental para o desenvolvimento das crianças, de fato fica comprovado que a maioria não entende o motivo disso. Enquanto alguns afirmam que o simples cursar a educação infantil seja suficiente, a pesquisa supracitada confirma a necessidade de uma educação infantil de qualidade para fazer a diferença na vida escolar dessas crianças.

Esse trabalho serve, ainda para mostrar a importância da educação infantil, compreendendo seu currículo e suas práticas. Ao estudar a fundo a educação infantil, percebe-se que o seu currículo é realmente importante para o desenvolvimento da criança, porque entende que é o momento do desenvolvimento intelectual e motor da criança. A educação infantil não tem nenhuma obrigação com a alfabetização, apesar disso, prepara a criança para essa fase tão importante, que

---

35

Referência ao texto “Educação infantil no Brasil: Avaliação qualitativa e quantitativa. Relatório Final” de Campos, Espósito, Rosemberg, Andrade, Gimenes, Unbehau, Valle, Bizzocchi, Bhering e Abuchaim.

virá em seguida, o ensino fundamental, e conseqüentemente a alfabetização. Conteúdos e procedimentos como socialização, psicomotricidade e ludicidade são necessárias para o completo desenvolvimento das crianças, o que potencializará seu aprendizado.<sup>36</sup>

O principal resultado desse trabalho não vem apenas do resultado da aplicação dos questionários, que mostram o desconhecimento dos professores, responsáveis e dos outros atores sobre qual venha a ser a verdadeira importância da educação infantil para a alfabetização, mas também para perceber a falta de publicações sobre o assunto. Mesmo sabendo como é fundamental a educação infantil para a alfabetização, percebeu-se que há poucas publicações sobre educação infantil associadas com alfabetização.

---

<sup>36</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSI, Marcos Edgar. (2010). **Financiamento da Educação Infantil em seis capitais brasileiras**. Cadernos de Pesquisa, v.41, n.142, p.116-141.

BELINTANE, Claudemir. **Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização**. Educ. Pesqui., Ago 2006, v. 32, n. 2, p. 261-277.

BOTO, Carlota. **Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático**. Educação e Pesquisa, v. 30, nº 3 (2004), pp. 493-11.

BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. **Avaliação institucional da escola: conceitos, contextos e práticas**. Olhar de professor. Ponta Grossa. P. 315-330. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado,1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ministro de estado da educação**. Portaria nº 867, de 4 de julho de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, P. 22-23, 2012.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Presidência da República. **Lei n.º11.274/2006** (*estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade*). Brasília, 2006.

CAMPOS, M. M.; ESPÓSITO, Y. L.; ROSEMBERG, F.; ANDRADE, D. F. de; GIMENES, N.; UNBEHAUM, S.; VALLE, R.; BIZZOCCHI, M.; BHERING, E.; ABUCHAIM, B. de O. **Educação infantil no Brasil: Avaliação qualitativa e quantitativa. Relatório Final**. Fundação Carlos Chagas, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Ministério da Educação, São Paulo, 2010. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/pesquisa/eixostematicos/educacaoinfantil/pdf/relatorio\\_final.pdf](http://www.fcc.org.br/pesquisa/eixostematicos/educacaoinfantil/pdf/relatorio_final.pdf)>

CAMPOS, Maria Malta; ESPOSITO, Yara Lúcia; BHERING, Eliana; GIMENES, Nelson; ABUCHAIM, Beatriz. **A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais**. Brasileiras Cadernos de pesquisa 41 (142), 20-54

CAMPOS, Maria Malta. **Entre as políticas de qualidade e a qualidade das práticas**. Cad. Pesqui., Abr 2013, vol.43, no.148, p.22-43

COCCO, Eliane Maria; SUDBRACK, Edite Maria. **Avaliação no contexto escolar: regulação e/ou emancipação**. ANPED, 2012.

DRUMOND, V. **Em busca da forma-educação infantil 12/2011**, Pró-Posições (UNICAMP. Impresso),Vol. 22, Fac. 3, P. 213-217, Campinas, SP, Brasil, 2011.

FERRARO, Alceu Ravello. **A trajetória das taxas de alfabetização no Brasil nas décadas de 1990 e 2000.** Educ. Soc. , 2011, vol.32, no.117.

GARCIA, Heloisa Helena Genovese de Oliveira; MACEDO, Lino de. **Reuniões de pais na educação infantil: modos de gestão.** Cad. Pesqui. 2011, vol.41, n.142, P. 208-227.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização no ciclo inicial do ensino fundamental de nove anos: reflexões sobre as proposições do Ministério da Educação.** Cad. CEDES, Abr 2013, vol.33, no.89, p.35-49.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Avaliação da alfabetização: Provinha Brasil.** Educ. Pesqui. Set 2012, vol.38, no.03, p.603-622.

IBGE. **Censo Demográfico 2010.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011. Disponível em <<http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>>

KAGAN, Sharon Lynn. **Qualidade na educação infantil: revisão de um estudo brasileiro e recomendações.** Cad. Pesqui. 2011, vol.41, n.142, pp. 56-67.

LIMEIRA, Luciana Cordeiro. **Avaliação institucional na escola pública brasileira: mecanismos contraditórios e complementares na educação.** ANPAE. III Congresso ibero americano de política e administração da educação. Zaragoza, Espanha. 2012.

LUDKE, Menga. SORDI, Mara Regina Lemes de. **Da avaliação da Aprendizagem à Avaliação Institucional: aprendizagens necessárias.** São Paulo, 2009.

MELLO, A. S.; RODRIGUES, K. S.; SANTOS, W.; COSTA, F. R.; VOTRE, S. J. **Representações sociais sobre a educação física na educação infantil.** Revista educação Física UEM vol.23 no.3. Maringá. Julho/setembro, 2012.

MELLO, F. T.; CRUZ DE MELLO, L. H.; FREITAS TORELLO, M. B. de. **A palenteologia na educação infantil: alfabetizando e construindo o conhecimento.** Ciência & Educação, v. 11, n. 3, p. 395-410, 2005

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena Tiepo Alves. **O processo de pesquisa: iniciação.** Brasília. Plano, 2002.

PEREIRA, Helena de Ornellas Sivieri; MAIMONE, Eulália Henriques; OLIVEIRA, Aline Patrícia. **Avaliação do perfil mediacional de uma professora da educação infantil.** Psicol. Esc. Educ., Jun 2012, vol.16, no.1, P.105-112.

RADINO, Gloria. **Oralidade, um estado de escritura.** Psicol. estud. 2001, vol.6, n.2, P. 73-79.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Expansão da educação infantil e processos de exclusão.** Cadernos de Pesquisa, n. 107, junho 1999, P. 7-40.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Políticas de educação infantil e avaliação.** Cad. Pesqui. 2013, vol.43, n.148.

SEKKEL, M. C.; ZANELATTO, R.; BRANDÃO, S. B. **Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos.** Psicol. estud. Maringá, v.15, n.1, p. 117-126, 2010.

SELVA, A C. V. & BRANDÃO, A C.P. **A notação escrita na resolução de problemas por crianças pré-escolares.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-dez, v.16,n ° 33, p.241-249, 2000.

TAHIM, A. P. V. O.; ALVES, L. L.; LIMA, M. A. M. **A gestão escolar e a avaliação institucional : observações segundo os diretores municipais de Fortaleza.** CE. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas. 2012

VAZ, Alexandre Fernandez; MOMM, Caroline Machado (Org.). **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas.** Ed. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. v. 2000. 189 p.962 set./dez. 2012.

Sítio eletrônico usado para tratamento dos dados: <<http://www.enquetefacil.com>>. Pesquisa disponível em <<http://www.enquetefacil.com/RespWeb/Qn.aspx?EID=1740836>>.

**APÊNDICE 01 - Questionário**

1 - Você é:

- Pai, Mãe ou responsável por aluno em alfabetização
- Professor de turma de alunos em alfabetização
- Gestor de escola com turma(s) de alunos de alfabetização
- Outro: \_\_\_\_\_

2 - A(s) criança(s) em questão (seu filho ou filha ou estudantes):

- Coursou a educação infantil
- Não cursou a educação infantil

3 – E você acha que isso interfere de alguma maneira na alfabetização dessa(s) criança(s)? Como?

---

---

---

---

**APÊNDICE 02 – Lista de Siglas**

ANA – Avaliação Nacional da Alfabetização

BIA – Bloco Inicial de Alfabetização

ENADE – Exame Nacional de Avaliação do Desempenho dos Estudantes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

MEC – Ministério da Educação

PNAD – Pesquisas Nacionais por Amostras de Domicílios

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

SAEB – Sistema Brasileiro de Avaliação da Educação Básica

SciELO – Scientific Electronic Library Online – Biblioteca Eletrônica Científica Online

SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior